

O que é possível dizer de corpos, gêneros e sexualidades com/na educação em Biologia a partir do encontro com as experiências de pessoas trans...

Sandro Prado Santos¹
Matheus Moura Martins²

Resumo: Este texto é oriundo de uma investigação de doutorado, acerca das potencialidades dos *trânsitos* - com as experiências de pessoas trans - pelos territórios da Educação em Biologia. Os territórios oficiais do ensino de Biologia são marcados por ruídos e (in)visibilidades das experimentações de pessoas trans, tais como: De que modo abrir espaços na biologia *maior*? Como agenciar um funcionamento *menor* da biologia que esburaca a sua educação *maior*? A quem se aliar? Tal operação nos abriu espaço para alianças em meio às existências de pessoas trans. Aqui apresentamos as fugas e escapes cartografados, aos corpos, gêneros e sexualidades nos territórios da Educação em Biologia, que foram produzidos no VII EREBIO/Regional 5 com duas professoras trans. Os encontros nos disparam a pensar a educação em biologia como territórios movediços, compostos por ditos e vistos provisórios, em batalha e que nas fissuras estão as possibilidades de inventar outras educações em biologia.

Palavras chave: educação em biologia, experiências *trans*, corpos; gêneros.

1 Doutor pelo Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia – PPGED/UFU, Professor Adjunto da Universidade Federal de Uberlândia, sandro.santos@ufu.br;

2 Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Uberlândia, matheusmmm12@yahoo.com.br.

An(dança)s iniciais

Este texto é uma reflexão acerca das potencialidades dos *trânsitos* pelos territórios da Educação em Biologia e dos agenciamentos em meio ao encontro “*Experiências de pessoas trans e o ensino de Biologia*”, vivenciados no espaço de uma investigação de doutorado do primeiro autor desse trabalho. (SANTOS, 2018).

Enveredamos em participações nos Encontros Nacionais do Ensino de Biologia (ENEPIO's), Encontros Regionais de Ensino de Biologia (EREPIO's), bem como nas produções oriundas de tais encontros, e, mapeamos as configurações desse campo na composição com as experiências de pessoas trans. (SANTOS; MARTINS, 2017). Encontramos, então, pelas andanças nos territórios oficiais do ensino de Biologia, alguns ruídos a partir da presença do “outro”, sinais de algo que se dá a partir do silenciamento, indizibilidade e invisibilidade, sendo assim,

[...] as marcas oficiais no campo dos ENEPIO's têm mostrado uma produção pouco engajada com as discussões das experiências de pessoas trans alinhavadas com o Ensino de Biologia. Instala-se um ruído, pois apesar e no quase silêncio das marcas oficiais [...] as questões que atravessam as experiências trans permanecem circulando e sendo ensinadas no espaço escolar [...]. (SANTOS, 2018, p. 137).

Esses ruídos e sinais foram fugindo, vazando, esburacando, abrindo espaços-brechas, construindo abrigos e passagens que nos convocaram para travessias outras pelos territórios, fazendo nascer um desejo de experimentar algo nessas fissuras e aberturas territoriais. Passamos então a agenciar o encontro das experiências de pessoas *trans* – ensino de Biologia (SANTOS, 2018). Nesse sentido, passamos a tensionar:

[...] a Educação em Biologia com a potência do sopro das experiências de pessoas *trans*, de modo a desfazer [...] aquilo que se encontrava estratificado em nós, ou aquilo que vemos se repetir em ditos e vistos nas aulas de Biologia, abrindo espaço [...] que seja possível dizer, sentir, viver e [...] esburacar o que se vê e o que se diz de corpos, gêneros e sexualidades. (SANTOS; SILVA, 2019, p. 102).

Nossas aproximações ao campo oficial do ensino de Biologia nos dispuseram a pensar que a experiência de pessoas *trans* torna-se capaz de mobilizar a organização e a desarticulação dos territórios do ensino de Biologia, novas cartografias do corpo, agenciar misturas de partículas que povoam os territórios, potencializar a abertura dos territórios às afecções, conexões, experimentações e distribuições de intensidades.

A aposta foi, em última instância, abrir caminhos para a passagem de linhas de fuga ou de ruptura, linhas de desterritorialização a partir do encontro *ensino de Biologia-experiências de pessoas trans* e cartografar os efeitos que essa aliança pode produzir nos territórios da Educação em Biologia.

Desse modo, fissuras no campo do Ensino de Biologia têm sido produzidas. Uma delas aconteceu no VII EREBIO – Regional 5 – Nordeste na Universidade Regional do Cariri (URCA) na cidade do Crato/CE, em setembro de 2017. Esse foi um dos afetos que fez brotar essa escrita, os quais compõem a referida tese de doutorado. Ficávamos nos perguntando: o que, nesses encontros com as experiências de pessoas trans, vaza ou, titubeia, entre os já ditos e já vistos que delimitam as discussões de corpo, gênero e sexualidade na educação em biologia? O que pode escorrer nesse entre?

Aqui objetivamos apresentar as passagens, vazamentos e escapes cartografados, aos corpos, gêneros e sexualidades nos territórios da Educação em Biologia, que foram produzidos no VII EREBIO – Regional 5 com duas professoras trans.

(Trâns)itos e (re)arranjos na Educação em Biologia

As diferentes configurações de práticas educativas, formativas, dos conhecimentos, saberes-fazer, valores em disputas têm criado territórios para/na Educação em Biologia, esses constituídos por linhas de diferentes ritmos e direções que *ora* normatizam e fixam modos existenciais *ora* produzem ou investem na singularização das experiências. Territórios que possuem geografias, cartografias e diagramas constitutivos de formas, forças, afetos e desejos que agenciam momentos de durezas, repetições, fraturas, criações, deslizamentos, certezas, deslocamentos e fugas.

Nessa seara, consideramos os corpos, gêneros e sexualidades como constitutivos e constituintes da configuração territorial das práticas educativas e formativas na Educação em Biologia. Os ditos e vistos desses dispositivos (FOUCAULT, 1979) ecoam e funcionam desde dentro na organização e constituição do jogo que está na ordem das coisas da educação em Biologia, (RANNIERY; LEMOS, 2018), produzindo-a enquanto territórios que

oscilam entre dois planos a partir dos movimentos dos corpos, gêneros e sexualidades: de um lado, as superfícies de estratificação, normalizações e (órgão)nização, e, por outro, o plano no qual eles resistem, insistem, criam e fluem como corpos intensivos. Planos que atuam, funcionam e coexistem ao mesmo tempo nas superfícies territoriais.

Com esse movimento e aproximações com os estudos das filosofias das diferenças (DELEUZE, 2002; DELEUZE; GUATTARI, 2011) temos realizado um deslocamento conceitual com a noção de educação *maior* e educação *menor* (GALLO, 2016), como dispositivo para pensarmos a Educação em Biologia no diálogo com corpos, gêneros e sexualidades, pensando nos seus ditos e vistos *maiores* e *menores*.

Na educação em biologia, há estratos, saberes que a constitui/produz territórios que vão compondo com o que é legitimado ver e falar nos textos curriculares. Vão produzindo corpos, gênero e sexualidade em meio àquilo que é possível e legitimado em determinado contexto social, político, econômico e cultura, dando formas, fôrmas e (in)visibilidades aos seus modos de existir, sentir, falar, vivenciar, experimentar.

Os ditos e vistos *maiores* na/da Educação em Biologia dispõem de elementos que ensinam sobre os corpos, gêneros e sexualidades a partir de campos neutros, não políticos, despartados dos processos de socialização e sedimentados no organismo bio-*lógico*, adensando-os em narrativas e fronteiras estáticas em um plano de operação que os definem por seus órgãos e suas funções. (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

A educação em Biologia *menor* está implicada num regime de forças, energias e resistências que arranca o lugar fixador dos corpos, gêneros e sexualidades, modificando-os “*n*” vezes, mergulhando-os num campo de ligações e operações com um conjunto de fluxos que não intercepta especificamente às genitálias, fazendo percorrer não-linearidades, zonas de variações com o campo biológico, social, histórico e... e... Isso foi esboçando inquietações: De que modo abrir espaços na biologia *maior*? Como abrir espaços para outras possibilidades de corpos, gêneros e sexualidades? Seria possível fazer alianças com o *menor*? Como agenciar um funcionamento *menor* da biologia que esburaca a sua educação *maior*? A quem se aliar? Tal operação nos abriu espaço, para pensar uma biologia *menor* de afirmação dos corpos, gêneros e sexualidades em meio às existências de pessoas trans. Com isso, temos interessado pelos devires e pelas fissuras que arrastam os ditos da educação em biologia para lugares outros, lugares que ela ainda *des*-conhece, e, pelas suas potencialidades de inventar outras educações em biologia. (SANTOS; MARTINS, 2019).

Um *des*-caminhar pelos territórios

Na investigação de doutorado, dispusemos a cartografar (DELEUZE; GUATTARI, 2011) os territórios da Educação em Biologia a partir dos agenciamentos do encontro com experiências de pessoas trans. A partir desses trânsitos, foi constituído um campo de pesquisa polifônico. O campo a ser cartografado não estava dado, foi engendrando nas misturas, nos entres, nas minhas incursões nos eventos, nas escutas, na produção científica e nas problematizações e pensamentos investigativos que foram oferecendo pistas para a cartografia.

Aqui o foco, da composição do desenho cartográfico da tese, será nos afetos produzidos no VII EREBIO – Regional 5: a) a mesa redonda “*Corpos flutuantes entre gênero, sexualidade e raça*” com a professora Alice Pagan do departamento de Biologia da UFS, e, b) a conferência de encerramento com a professora Luma Nogueira de Andrade da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira (UNILAB): “*Biologia na escola: corpos, gêneros e sexualidades*”.

As atividades com as duas professoras, mulheres trans e com formação em Ciências Biológicas, foram acompanhadas e registradas em um caderno de campo. Percebemos que os afetos estavam ali. Afetos que produziram saídas múltiplas para análise das possibilidades de des-territorializações na Educação em Biologia.

O sopro das trans-experiências nos territórios da Educação em Biologia

Alice Pagan fez um movimento que desembocou em resistências que escaparam às produções normativas da Educação em Biologia, acionando problematizações aos/as professores/as e futuros/as professores/as de Ciências e Biologia.

Eu acho que uma das coisas é não dizer que é natural XX é mulher e XY é homem. [...]. XY vai gerar determinadas características morfológicas, XX vai determinar determinadas morfologias. Entre elas, tem o XXO, XXY, tem o XO, enfim, tantas outras características, e aí você vai fugindo dessa dicotomização [...] Primeiro que XY não é homem. Aí a pós-genômica, por exemplo, pode ser discutida. Faz todo o sequenciamento dos seres vivos, genômico, dos genes, e você percebe que não é um gene que define o ser [...] e começa-se a perceber influência do ambiente na

constituição do indivíduo. É toda a discussão do fenótipo. [...] aquilo que nos constitui como homem e mulher está ligado ao cultural [...]. É genocentrismo, a gente não pode mais trabalhar nessa linha, a gente tem que entender que há todo um contexto cultural, ambiental, que se relaciona com os indivíduos. Então, a primeira coisa é a gente tomar consciência de que não é uma correspondência direta. XX é mulher, XY é homem. [...]. (Alice Pagan, mesa-redonda, setembro 2017).

Nessa fala, ela visibiliza a constituição e a movimentação territorial da Educação em Biologia, com marcos multilinear, ritmos, ecos e direções que podem normatizar e fixar modos de existência ou investir em outras linhas que criam outros territórios. Aqui proliferaram existências criadoras, inventivas e resistentes ao enfrentamento do instituído nos territórios. Ali foi perceptível alinhamentos que resistiam ou escapavam aos processos de linearidade de corpo – gênero e sexualidade e desmantelavam os corpos e gêneros naturalizados e universalizados.

Luma apresenta problematizações sobre o modelo de racionalidade que supostamente tem sido tomado como natural, dado, verdadeiro e que sempre esteve aí nos territórios da Educação em Biologia. Segundo ela, esse coordena o jugo das funções (gen)italizantes, pela interioridade do biológico, pelos polos de correspondências corretas e funcionais entre sexo biológico (ser macho ou fêmea a partir da própria dotação genetal, genética e hormonal) e gênero.

[...] temos uma racionalidade que não [...] dialoga com [...] outros saberes. Porque nós ainda estamos no processo de educação que é muito cartesiano, muito segredado. [...] O corpo não é só corpo, não é só célula, não é só pele, o meu corpo ele é algo mais que isso. E como eu vou estudar corpos sem compreender os outros elementos que compõem esse corpo? E que esses elementos também influenciam na fisiologia desse corpo? [...] a importância de transitar entre as áreas das ciências da natureza, e as suas tecnologias para a área das ciências humanas [...] reivindicar um processo de multidisciplinaridades, interdisciplinaridades, mas a gente às vezes esquece de produzir diálogos [...] e cada um vai trabalhar dentro da sua racionalidade. E aí entramos em choque em elementos que compõem o corpo. E aí [...] existem outros elementos que vão interferir, inclusive as relações sociais. Elas interferem na fisiologia e na anatomia dos nossos corpos, por isso a importância

de buscarmos diálogo com outras áreas. (Fala de Luma Andrade, VII EREBIO/NE, setembro 2017).

No entanto há vitalidades, outros saberes, nos territórios que foram e precisam constantemente ser reabilitadas.

O fato de estar aqui, numa conferência de encerramento desse evento, simboliza o quanto de necessidade e de reconhecimento que vocês estão dando para a compreensão de outras racionalidades, de saberes, de serem atrelados ao pensamento tradicional da Biologia e das ciências da natureza. (Fala de Luma Andrade, VII EREBIO/NE, setembro 2017).

Na fala de Luma, ela questiona: "Será que as ideias das ciências ditas exatas e da natureza sempre foram assim? Que saberes produzimos? Que saberes reproduzimos? Que saberes esquecemos? Por que esquecemos?."

Aos poucos, ao retomar aos pensadores do campo das ciências exatas e naturais que tanto interessou a filosofia da diferença de Deleuze e Guattari, os territórios foram deslizando, tensionando, reavivando movimentos que foram abafados e exumando espaços menos reguladores, *menores*, que abrem brechas, variações, movimentos, conexões. Com isso, fez insurgir outro funcionamento que põe a trepidar as ideias triunfantes, fazendo emergir os *ditos menores* coexistem no interior de um mesmo território.

Luma soprou ventos agitados, corpos movediços nos territórios. Imagens de boca, língua, cu, vaginas, vulva, pênis acompanhadas em grau de velocidade e lentidão, num movimento e repouso nos slides após slides, que ela/Luma apresentava, num desenterrar e fazer agitações na aparência funerária dos corpos, gêneros e sexualidades dos territórios frios da Educação em Biologia. Torcidas pelas tempestades, pelas velocidades dos embates, por essas violações, para arrebutarem os territórios estabelecidos, arrancando -os do lugar fixador de corpos, gêneros e sexualidades. Mesmo que tenha assustado alguns, fizeram aparecer debates que potencializaram o trânsito de professores/as de Biologia no encontro com as encruzilhadas e coordenadas das funções/organizações dos corpos, dos gêneros e das sexualidades.

Nesse exercício, foram apresentadas sinalizações e faíscas de desconfianças de que existe agenciamentos e racionalização do que se diz sobre as diferenças a partir das organizações, classificações, e, há considerações de que as ideias das ciências exatas e da natureza nem sempre (certamente!) foram assim. Estas sinalizações e faíscas estão vinculadas: às relações de poder, de como se processa, como se faz e quais noções de sexo, gênero,

corpo, sexualidade, razão, verdade, ciência e política são postas em circulação nos territórios da Biologia; b) a produção das dinâmicas de batalhas, disputas e negociações do que pode ser dito, reproduzido, ensinado, esquecido, não dito, reconhecido e não reconhecido; e, c) sabotagem da engrenagem de organização, dos corpos cheios de órgãos.

As armadilhas normativas engendradas pela racionalidade ocidental já não são mais possíveis esconder que a Biologia e seus territórios são formas de politização da vida em meio às batalhas, disputas e negociações.

Das re-existências ainda por vir...

Buscamos com esta escrita, experimentar o entre "*Experiências de pessoas trans e o ensino de Biologia*" (SANTOS, 2018), na tentativa de espriar as poeiras que se ergueram desse encontro e fazer com que se assentem em outros lugares, distante daqueles em que estão acostumadas a serem sedimentadas, inventando outras possibilidades e educações em biologia.

Os encontros nos disparam nessa escrita a pensar a educação em biologia como territórios movediços, compostos por ditos e vistos sempre provisórios e em batalha, correndo o risco, a todo o momento, de esburacarem e se desmancharem nas fissuras, e são n(as) fissuras que interessamos e apostamos na existência de possibilidades de inventar outras educações em biologia, de outros modos e desde outros lugares.

Referências

DELEUZE, Gilles. **Espinosa Filosofia Prática**. Tradução Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, v.1**. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira, Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34. 2011.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs, v.3**. Tradução de Aurélio Guerra Neto, Ana Lúcia de Oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34. 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

GALLO, Silvio. **Deleuze & Educação**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

RANNIERY, T.; LEMOS, P. C. de. Gênero pode ser uma categoria útil para o ensino de Biologia? In: VILELA, M. L. *et al.* (Orgs.). **Aqui também tem currículo!** Saberes em diálogo no ensino de biologia. Curitiba: Editora Prismas. ISBN: 978-85-537-0044-8. 2018, p. 65-86.

SANTOS, Sandro Prado. **Experiências de pessoas trans - ensino de Biologia**. 2018. 289 f. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

SANTOS, Sandro Prado.; MARTINS, Matheus Moura. Configurações do campo do ensino de biologia e suas composições com as transexualidades. In: V SIMPÓSIO INTERNACIONAL EM EDUCAÇÃO SEXUAL – SABERES/TRANS/VERSAIS CURRÍCULOS IDENTITÁRIOS E PLURALIDADES DE GÊNERO. **Anais...** Maringá/PR, 2017, p. 1-8.

SANTOS, Sandro Prado.; MARTINS, Matheus Moura. Corpos trans e a educação em Biologia: des-territorializações e conexões com a filosofia da Diferença. In: VIII SEMINÁRIO CONEXÕES. **Anais...** Campinas, SP: UNICAMP/FE, 2019, p. 89-90.

SANTOS, Sandro Prado.; SILVA, Elenita Pinheiro de Queiroz. Trans-tecendo os territórios da Educação em Biologia: tessituras com os corpos, gêneros e sexualidades. In: RIZZA, J. L. *et al.* (Orgs.). **Tecituras sobre corpos, gêneros e sexualidades no espaço escolar**. Rio Grande: Ed. da FURG, 2019, p. 99-110.